ANO VI • SÃO PAULO — NOVEMBRO-DEZEMBRO — 1943 • NS. 63-64

Diretor: CLOVIS DE OLIVEIRA Redatora: ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. D.ª Elisa, 50 — Caixa Postal 4848 — S. PAULO

Dr. Carlos A. Gomes Cardim Filho

D. D. SECRETARIO E MEMBRO DO CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTISTICA DO EST. DE S. PAULO

*"*RESENHA MUSICAL*", no presente numero, presta uma justa homenagem ao eminente brasileiro dr. C. A. Gomes Cardim Filho, publicando seu retrato, sua biografia e, tambem, uma valiosa jóia musical que lhe foi dedicada pelo grande compositor patricio professor Artur Pereira.*

Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, nasceu em São Paulo aos 18 de março de 1899, filho do educador Carlos A. Gomes Cardim e de d. Ignez Lacerda Gomes Cardim. Formou-se em 1914 pela Escola Normal Primária e em 1916 pela Escola Normal Secundária da Capital de São Paulo. Em 1923 recebeu o diploma de engenheiro cicil pela Escola Politécnica de São Paulo e em 1925 o de engenheiro arquiteto pela mesma Escola. Foi diretor interino da Escola de Belas Artes, seu secretário, professor Catedrático da mesma e hoje exerce o cargo de Diretor Tesoureiro. É membro do Conselho de Orientação Artística de São Paulo, e seu secretário desde a fundação, membro titular do Instituto de Engenharia de São Paulo e sócio correspondente da Sociedade Central de Arquitetos de Buenos Aires. Engenheiro da Prefeitura de São Paulo, nomeado em 1925 é hoje engenheiro Chefe da Divisão de Urbanismo da Capital, onde tem revelado sua capacidade de técnico e realizador, quer na chefia, quer em representações fora de São Paulo e do País, como no I.º Congresso de Urbanismo realizado no Rio de Janeiro e no III Congresso de Arquitetos reunido em Buenos Aires. Foi um dos organizadores do I.º Congresso de Habitações realizado em São Paulo em 1931. É premiado no Salão Paulista de Belas Artes, na secção de arquitetura com a grande medalha de prata, prêmio Inteligência e prêmio "Prefeitura". Tem várias publicações sobre a arte colonial da qual é um fervoroso defensor e estudioso. É professor Catedrático do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, e atualmente Administrador Federal no mesmo estabelecimento.

Como engenheiro arquiteto revelou uma grande capacidade técnica e artística na execução do majestoso Altar Monumento do IV Congresso Eucarístico de São Paulo de sua autoria. É um grande animador das artes plásticas em São Paulo, sendo que seu nome já está indelevelmente ligado às realizações do Conselho de Orientação Artística de São Paulo, Escola de Belas Artes e Conservatório Dramático e Musical.

"RESENHA MUSICAL", com este numero: I) Homenagem ao exmo. sr. dr. C. A. Gomes Cardim Filho; II) Suplemento Fotográfico: Padre José Mauricio; III Suplemento Musical: Na Baía tem..., de Artur Pereira.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	Cr. $ 20,00
Idem semestral	Cr. $ 12,00
N.º avulso c/ suplemento	Cr. $ 3,50
Suplemento avulso ...	Cr. $ 3,00

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, **é expressamente proíbido.**

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS:

FONES 5-4630 e 5-5971

Redação: Rua Dona Elisa, 50

Caixa Postal 4848

Um velho composidor brasileiro

José Mauricio Nunes Garcia

(1767 - 1830)

Ensaio Historico

Luiz-Heitor Corrêa de Azevedo
Rio de Janeiro

Tendo de escolher um assunto para a monografia ha tanto tempo prometida ao BOLETIN LATINO AMERICANO DE MUSICA, logo surgiu ao meu espirito a figura do grande compositor brasileiro Padre José Mauricio Nunes Garcia; e isso não só pela simpatia que tal assunto me inspira e pela familiaridade que a orientação dos meus estudos, nestes ultimos anos, deu-me de sua obra admiravel e de passagens de sua vida, como tambem pelas lições que ele encerra: lição de energia e de triunfo pessoal do pobre mulatinho que vai dirigir os destinos artisticos do que era, em seu tempo, o maior centro musical das duas Americas; lição de respeito e de proteção às atividades do espirito que muito deveria aproveitar aos responsaveis pela maquina do Estado, em nosso continente, muitas vezes alheios aos seus deveres para com a arte, e que muito lucrariam seguindo os exemplos de D. João VI e do inolvidavel Pedro II, soberanos que, sem terem a visão politica deformada pelo trato exclusivo de questões de carater facioso e de interesses pessoais, conseguiram legar à historia os dois grandes periodos musicais do Brasil: o primeiro (de que vou tratar) sob o pontificado de José Mauricio, de Marcos Portugal e de Segismundo Neukomm, ostentando suas galas nas festividades explendidas da Capela Real e do Real Teatro S. João, na segunda decada do sec. XIX; o outro(que focalizarei em futura monografia sobre "o periodo da opera na musica brasileira") alguns anos mais tarde, quando o Rio de Janeiro possuia um teatro nacional de opera, onde se cantava em português e, auxiliados pelo bolso particular do segundo imperador, refulgiam no estrangeiro e em nossa patria os nomes de Carlos Gomes, Henrique Osvald, João Gomes de Araujo e tantos outros.

Que este ensaio contribuia para fortalecer a corrente de Americanismo musical inspirada pelo prof. Francisco Curt Lange é o que desejo;. a confiança em nosso ideal continental só poderá ser efetiva e eficiente pelo conhecimento, em sua justa medida, dos nossos valores mais representativos. E para mim o estudo e a medita-

ção da vida e das obras de José Mauricio tem sido um exercicio fecundo de confiança em meu país e de admiração cada vez maior e mais esclarecida pelo continente e pela raça que produziram um artista desse quilate!

No Rio de Janeiro quem dos fundos do Palacio da Prefeitura toma a Avenida Tome de Souza na direção da rua Visconde do Rio Branco acha-se, depois de atravessar a rua Buenos Aires, nas calçadas da rua do Nuncio, que continua a Avenida Tome de Souza de Buenos Ayres a Visconde do Rio Branco.

A edificação atual da rua do Nuncio não é nem moderna nem muito velha. Duas construções de um unico pavimento poderão ter cem anos de idade: a de N.o 9 e a que se extende do N.o 56 a 60 (atualmente em vias de demolição (1). Talvez não muito longe daquela primeira se elevava, no segundo quartel do seculo passado, uma modesta habitação de dois andares, que tinha então a N.o 18 dessa rua. Convido-vos a penetrar comigo na velha casa, reportando-vos em espirito a uma data longinqua.

18 de Abril de 1830; pelas horas da manhã. Um domingo. A rua está suja e silenciosa. O sol dardeja, endurecendo a lama abundante que as ultimas chuvas deixaram na via publica.

Empurremos a porta de entrada; ela cede. Ha movimento de passos apressados. Na sala de jantar nota-se o desalinho e a desolação dessas casas a que falta o zelo laborioso das mãos femininas. Ha livros de medicina espalhados sobre a mesa; o soalho está sujo de terra; nem uma flor, nem uma planta, nem a nota clara de uma cortina emprestam um pouquinho de alegria ás paredes e aos moveis nús e severos.

Um jovem, em mangas de camisas, acaba de escrever um bilhete que despacha pelo velho escravo.

Na alcova ha velas acesas e um corpo extendido sobre as cobertas da cama. Aproximemo-nos. E' grande, forte, mulato claro de nariz achatado; um "rictus" impressionante de energia e de força moral contrai-lhe os labios arroxeados. Veste jaleco de seda côr de violeta e calças, apezar da tonsura revelar-nos o seu estado sacerdotal. Encostando as mãos em suas fontes geladas e humidas e procurando em vão o pulsar do coração certificamo-nos que é morto já ha alguns minutos.

Em torno uma desordem estudiosa. Folhas de papel de musica soltas sobre a mesa. Com a tinta fresca de obra terminada ha poucos dias lá está um grande "Tratado de Harmonia e Contraponto". E mais alem um pequeno engenho circular de papelão que, dirão mais tarde os amigos do morto, servia para determinar os mais solidos e saborosos encadeamentos de acordes; especie de **dicionario de rimas,** para o compositor...

Si nos acercamos do jovem em mangas de camisa, que é filho do morto, ele nos contará como se passaram as coisas. Na vespera, sentindo que ia morrer ,o pai transladára-se do seu quarto, no sotão — cuja escada era estreita e ingreme — para a alcova da sala de jantar.

"Assim darei menos trabalho", dissera.

Não sofrera muito. Pela manhã começára a cantar baixinho um hino de sua composição, em louvor de Nossa Senhora. E cantando morrera. Seu ultimo suspiro fôra uma nota de musica...

Em breve, porem, chega um outro personajem. E' um colega do nosso interlocutor, rapaz de vinte e poucos anos que, desembaraçadamente, com um ligeiro acento sulino, despeja sobre o amigo — que o mandára avisar pelo escravo — um rol de frases de consolação sonoras, romanticas e empoladas. Chama-se Manoel de Araujo Porto Alegre. Mais tarde será Diretor da Academia das Belas Artes e o Imperio o fará Barão de Santo Angelo. Depois de contemplar por alguns momentos, com profunda veneração, a fisionomia calma e energica do morto ele se dispõe a tirar a sua mascara em gesso. Podeis ve-la, até hoje, no Museu do Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

Deve ser, porem, importante, esse padre morto, para que os seus contemporaneos julguem necessario conservar fielmente os seus traços no gesso. De resto, vêde; chegam visitantes; e visitantes de distinção. O conego Luiz Gonçalvez veio para vestir o cadaver.

Esse que agora entra é o conego Januario da Cunha Barbosa, apostolo da nossa Independencia politica, que daqui a vinte dias vai publicar no "Diario Fluminense" o primeiro estudo biografico sobre a personalidade do morto. A sua face morena, gorda e suada é velada pela tristeza e pelo respeito ao avistar o cadaver do Padre.

O moço que vem chegando elegante, atencioso, de olhos doces mas vivos e energicos é Francisco Manoel da Silva, um jovem discipulo do Padre, que será o autor do Hino de sua patria.

Já agora o movimento é grande; a noticia se espalhou. Simples curiosos entram para ver morto o snr. Padre Mestre. Na sala de jantar o filho discute com alguns clerigos detalhes do enterro. A Irmandade de Santa Cecilia se encarregará de promovèr solenes funerais; deseja, porem, possuir os despojos do Padre. Não é possivel; ha que atender às ultimas vontades do extinto que determinou fosse seu corpo sepultado na igreja de S. Pedro. Assim será feito.

O movimento de amigos que vêm prestar ao morto as derradeiras homenagens aumenta sempre. Misteriosamente já desapareceram da mesa da alcova aquele estranho aparelhosinho de encadear acordes, o "Tratado de Harmonia e Contraponto" e a partitura dos "12 Divertimentos" para banda militar. Os amigos do compositor procuram conservar uma lembrança bem positiva de sua passagem sobre a terra...

Aliás esse sistema aplicado às obras de José Mauricio — porque já deveis saber que é dele que estamos falando — parece que se generalisou. A Biblioteca do Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro possue uma bela coleção de copias e autografos do compositor que o governo adquiriu aos herdeiros do cantor Bento das Mercês por cifra bem razoavel. Sabemos, entretanto, ou pelo menos temos fortes razões para suspeitar, que um grande numero desses manuscritos não estava muito legitimamente em poder do velho cantor, pois pertenciam ao filho do nosso compositor que, cedendo a instancias de Bento das Mercês, os emprestava, sem mais lograr devolução... Em um deles ha, mesmo, esta curiosa observaçao, escrita a margem: "propriedade inalienavel do dr. Garcia".

Continuemos, porem, a nossa jornada retrospetiva. Todas as honras funebres são prestadas ao ilustre morto. Nas exequias solenes que manda rezar a Irmandade de Santa Cecilia ouve-se a sua Sinfonia Funebre, executada por grande orquestra.

José Mauricio! Creio que todos vós, que tendes a extrema bondade de dedicar alguns instantes a leitura destas paginas em que o mais humilde dos admiradores do compositor procura servir ã causa da sua gloria, conheceis, uns mais, outros menos, alguma coisa da vida, talvez da obra de José Mauricio (2).

Sabeis, certamente, que foi um musico famoso em sua época. Tendes visto o seu nome e o seu retrato em algum jornal, em alguma revista de musica. Se já viestes ao Rio ouvistes, possivelmente, em algum de nossos concertos, a "ouverture" de **Zemira** ou a grande **Missa de Requiem.** Os mais velhos terão assistido à execução da **Missa Festiva** na inauguração da Igreja da Candelaria em 1898. Tudo isso é pouco, entretanto, comparado às homenagens que a Patria feliz, prospera e poderosa de hoje devia prestar ao velho artista que antes mesmo da sua Independencia politica atestava, em obras magnificas, a independencia intelectual e artistica do Brasil.

Ou haveria um erro de visão dos seus contemporaneos que o punham tão alto apenas porque as dimensões de todas as coisas brasileiras daquele tempo eram pobres e acanhadas emprestando à figura do artista colonial exagerado relevo? No cenario da arte brasileira de hoje deve ele ser relegado a um plano secundario?

Posso afirmar-vos, com vehemencia, que

não! Todos aqueles que se têm aproximado da obra do padre compositor, para conhece-la e perscrutar-lhe as belezas são unanimes em sua admiração entusiastica. E eu, com toda a sinceridade, com o desejo de gravar a fogo em vossos corações a verdade candente destas palavras, vos direi, como o alemão Segismundo Neukomm, em vida do compositor: "Ah! Os brasileiros nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso pois que era todo fruto dos seus proprios recursos!..."

Passemos a estudar, porem, a figura do nosso compositor no meio em que viveu. Como vereis esse meio não era tão obscuro e tão facil como gratuitamente somos inclinados a supor.

Antes de começarmos quero fixar vossa atenção sobre o seguinte fato: Vamos tratar de um artista brasileiro, filho de pais brasileiros, educado no Brasil, exclusivamente com os recursos de que dispunhamos no Brasil, sem ter tido mestres estrangeiros, sem mesmo ter saido do Rio de Janeiro, onde exerceu, em toda a plenitude, as suas atividades artisticas, e onde morreu glorioso e admirado pelos seus concidadãos.

Isso é um tonico para as energias de nosso espirito americano.

Em 1767 a rua Uruguaiana (3), que então se chamava rua da Valla, era um dos pontos extremos da cidade, limitada de outros lados pelas frondosas chacaras que ostentavam o verde luxuriante de seus arvoredos, cercanias do morro de S. Bento, e pela Lagoa de Santo Antonio, às margens da qual se elevava o suntuoso chafariz das aguas da Carioca; pois deveis saber que o Largo da Carioca, sobre o qual trafegam, hoje, com tanta segurança, os onibus de dois andares, era, naquele tempo, uma lagoa pitoresca, de aguas mortas e esverdeadas. Alem dessa restrita zona urbana ficavam as casas de engenho e as fazendas.

Na rua da Vala havia, no dia de S. Mauricio, 22 de Setembro do já referido ano da graça, um humilde lar em festa. Ela, Vitoria Maria, viera de dar à luz o seu primeiro filho. E' mulata, como seu companheiro Apolinario Nunes Garcia, com o qual se acha legalmente consorciada, fato que na epoca constitue uma exceção, em se tratando de gente de condição humilde.

Mesmo na pequena burguezia do Rio colonial as ligações ilegitimas eram frequentes e admitidas com indulgencia. O rapaz expunha francamente ao pai da sua amada os projetos de que estava possuido e, o mais das vezes, passava a residir na propria casa do pseudo-sogro. Quando encontrava resistencia planejava o rapto, que geralmente efetuava no tumulto de alguma festividade religiosa. As nossas avozinhas tinham um topete incrivel para esse genero de aventuras... Um cronista da epoca diz que eram raras as familias em que não havia um desses casos a lamentar.

Si retenho a vossa indulgente atenção sobre esses fatos é para frizar o espirito de ordem, de elevação social e moral da familia Nunes Garcia. Ha familias cuja trajetoria é descendente; posição, bens, conduta moral, tudo se vai dissolvendo. Outras, ao contrario, partindo de baixo, conseguem todos aqueles bens e se impõem à consideração da sociedade. Os Nunes Garcia devem ser classificados entre estas ultimas; na união legitima de Apolinario e Maria da Cruz já ha uma superioridade. Com a educação que, apezar dos sacrificios e tropeços, o filho vai receber, como veremos, a familia começa a subir. Em meiados do seculo seguinte o neto do modestissimo Apolinario será um dos maiores cirurgiões da capital do Imperio, professor da Academia de Medicina e da Academia de Belas Artes, socio do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, autor de valiosas obras cientificas, etc.

Voltemos, porem, à rua da Vala em 1767. O menino, que devia ser o unico fruto daquela abençoada união, recebe o nome de José Mauricio, ao ser batizado na então Catedral e Sé do Rio de Janeiro, hoje Igreja do Rosario.

Durante a infancia revela todos os sintomas da vocação musical. Tem uma prodigiosa memoria; reproduz nos instrumentos

tudo quanto ouve. Improvisa. Tem uma linda voz para cantar. Orfão de pai desde o ano de 1773 fica sua educação aos cuidados da mãe e de uma tia, que se esforçam para dar ao jovem José Mauricio todo o brilho intelectual possivel.

Para bem compreendermos o que representa de esforços, de clara e admiravel energia essa instrução dada a um menino pobre e de côr, precisamos lançar os olhos sobre o meio em que vivem os nossos personagens.

Com a expulsão dos Jesuitas, pelo decreto de 3 de Setembro de 1759, devido à impagavel politica colonial do Marquez de Pombal, decreto esse que Eduardo Prado considera para o imperio ultramarino de Portugal um desastre igual de Alcacer-Kibir, a instrução no Brasil ameaça sossobrar. A Ordem admiravel tinha sido desde o descobrimento a propagadora das letras em nossa terra, máu grado as desconfianças da Metropole, que vê na Instrução, bem como nas vias de comunicação e de penetração, idéas subversivas e perigosas para a fidelidade da Colonia. "A treva a que Portugal atira o Brasil é profunda", dirá em 1820 um escritor (4). "Só nas visinhanças dos Colegios de Jesuitas ha claridade".

Os Padres nem siquer podiam fornecer livros aos milhares de alunos que ouviam as suas lições porque Portugal **proibe** a circulação de livros impressos no Brasil, como si fossem instrumentos de perdição.

Na Biblioteca do Colegio Anchieta, em Nova Friburgo, (Estado do Rio), existe o

unico exemplar conhecido do primeiro trabalho tipografico executado no Brasil, em 1747. A tipografia que o executou, tolerada algum tempo pelo espirito largo de Gomes Freire, foi incendiada, destruida e remetidos os tipos e o prelo para Lisboa assim que chegou ao Reino a noticia da sua existencia.

Com a expulsão dos Jesuitas e as curiosas idéas dos politicos portugueses acerca da instrução, bem podeis imaginar, pois, a que ficou reduzido o ensino em nossa terra. Em 1784 ha nove escolas primarias na capital do Brasil. Southey diz que certos fazendeiros ricos do interior pediam aos amigos em viagem para o litoral que lhes arranjassem um português sabendo ler e escrever para casar com as filhas.

Se a treva da ignorancia não envolveu totalmente a nossa pobre Patria nesse triste periodo, devemo-lo, ainda uma vez, às ordens religiosas, às escolas monasticas mantidas Beneditinos, Carmelitas e, principalmente, pelos Franciscanos. Os portuguêses não dormem, porem... Em 1795 o snr. Capitão General D. Fernando Antonio de Noronha aconselha à Metropole a proibição de certos estudos ministrados nos conventos que, diz ele, "só servem para nutrir o orgulho proprio dos habitantes do meio dia e destruir os laços de subordinação politica e civil que devem ligar os habitantes à Metropole".

Nesse meio precario, cujas influencias devem ser sentidas principalmente pelas classes baixas da sociedade — encorajadas em sua indolencia mental, sem estimulos, antes tendo que vencer reais dificuldades para se instruirem — é um verdadeiro prodigio a educação de José Mauricio.

Depois de frequentar a escola primaria ele é matriculado em uma aula de Solfejo. A mãe favorecia os talentos inatos do seu pequeno tesouro, o que é extraordinario naquele tempo e naquele meio, repito-vos.

Nessa aula, se por concessão especial José Mauricio não a frequentava gratuitamente, devia pagar a modica contribuição mensal de 70 a 80 reis... De positivo sobre a educação musical de José Mauricio é esse o unico dado que possuimos. Chamava-se Salvador José o seu mestre de Solfejo. Numerosos e bons musicos daquela época haviam sido seus alunos.

Adriano Balbi, um geografo italiano que esteve no Rio, em principios do seculo passado, e escreveu uma obra indispensavel a quantos desejam estudar as nossas coisas daquela época (5), fala na existencia de uma aula de musica destinada aos escravos da Real Fazenda de Santa Cruz e que teria sido fundada em seu tempo pelos Jesuitas, primeiros donos dessa fazenda. Baseados nas informações de Balbi alguns autores têm ido um pouco longe no terreno das suposições, conferindo ao que passaram a chamar o "Conservatorio dos Negros" uma organização técnica modelar e apontando-nos José Mauricio como um dos seus alunos. Aliás já tenho visto, mesmo, por varias vezes, escrito em letra de forma, ter sido José Mauricio aluno dos Jesuitas, quando ele nasceu em 1767 e desde 1759 não havia mais Jesuitas no Brasil...

A Fazenda de Santa Cruz, distante do Rio de Janeiro, pelas entradas de então, uns 80 quilometros, era uma propriedade imensa e riquissima, abrangendo larga faixa de mar, do lado de Sepetiba e se extendendo de outro até Sacra Familia do Tinguá, no municipio de Vassouras. Ha pouco tempo tive ensejo de percorrer de automovel pelas explendidas estradas de rodagem que hoje cortam aquelas terras em todos os sentidos, a parte baixa da antiga Fazenda de Santa Cruz. Ha quadros de natureza deslumbrantes, e a conformação facil dos terrenos torna-os preciosos para os trabalhos da lavoura (6).

Em 1759, quando foram expulsos e a Fazenda, confiscada, passou para o dominio da Corôa, tinham os Jesuitas, em Santa Cruz, mais de 13.000 cabeças de gado vacum, alem de cavalos, ovelhas, cabras, e varias outras criações das melhores raças. Obras importantissimas para escoamento de aguas tinham sido realizadas. Na parte reservada às

plantações cultivavam o arroz e outros produtos.

Os escravos eram tratados com moderação, educados na religião, e para seu passatempo teria sido instituida a tal classe de musica cujos frutos tão fortemente impressionaram Balbi durante sua estadia no Rio de Janeiro.

Depois de cair nas mãos governamentais começa rapidamente a decadencia de Santa Cruz. O periodo de infancia de José Mauricio coincide com a fase aguda dessa degringolada. O numero de cabeças de gado está reduzido quasi à metade, as culturas abandonadas, as obras de canalisação de aguas arruinadas, e a numerosa escravaria entregue à indolencia, a imoralidade, ao roubo e às desordens.

Mesmo que o "Conservatorio dos Negros", tivesse existido, no tempo dos jesuitas, é pouco provavel que José Mauricio se aproveitasse dos seus ensinamentos, numa época em que era tal a desorganização de todos os negocios da Fazenda. E si pensarmos em que ele devia fazer 80 quilometros de estrada para atingir Santa Cruz temos que concordar ser isso a coisa menos provavel do mundo...

Até hoje não consegui encontrar a menor referencia que confirme a existencia do pretendido "Conservatorio dos Negros". Nada dizem as explendidas memorias sobre a

Fazenda de Santa Cruz, arquivadas na Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, nem tão pouco o Padre Madureira nas 1.300 paginas da sua obra monumental "A Liberdade dos Indios — A Companhia de Jesus — Sua Pedagogia e seus resultados".

Ha pouco tempo consultei o extenso e bem ordenado Relatorio apresentado ao Vice-Rei Conde de Rezende pelo Coronel Manoel Martins do Couto Reys, comissionado para inspecionar a Real Fazenda e estudar medidas para o seu levantamento, no ultimo decenio do seculo XVIII. Diz ele, em certo ponto, que para restabelecer a disciplina entre os escravos "fez reviver os seus antigos costumes, as suas colenidades na igreja, com permissão de nela cantarem os seus hinos; as suas cantilenas nos serviços e de executarem os seus bailes nos dias festivos". Em materia de musica é só o que encontrei. Dai para um Conservatorio com aulas de harmonia, contraponto, composição a orquestração vai uma não pequena distancia...

As duas noticias biograficas do compositor escritas por contemporaneos seus, que com ele conviveram — o Conego Januario da Cunha Barbosa e Manoel de Araujo Porto Alegre — não fazem, tambem, a menor alusão ao Conservatorio de Santa Cruz.

Devemos pensar, pois, que José Mauricio foi, principalmente, autodidata e aprofundou por si mesmo os seus conhecimentos musicais, sendo possivel, entretanto, que recebesse lições de alguns dos sacerdotes musicos seus contemporaneos, como por exemplo o Padre Manoel da Silva Reis, que, segundo a tradição, teria sido o mais perfeito organista do Brasil.

Como sabemos que José Mauricio possuia linda voz é plausivel que tivesse feito parte do côro de alguma igreja (a Catedral, por exemplo, era bem proxima de sua casa) e à sombra dos sacristias trabalhado os seus exercicios de harmonia e contraponto, sob a direção dos já referidos sacerdotes. Isso alias explicaria a carreira sacerdotal que ele vai abraçar.

Com 18 anos o nosso jovem pensa em dar novos lustres ao seu espirito e senta-se na aula regia de Gramatica Latina do Padre Elias. E' inteligentissimo e aplicadissimo nos estudos. O seu aproveitamento faz o Mestre declarar habitualmente que, sem prejuiso, poderia ser substituido em sua catedra por tão brilhante aluno.

Filosofia José Mauricio estuda na aula do dr. Goulão. Já nessa epoca as suas qualidades musicais devem ser bem conhecidas no Rio, facultando-lhe meios de viver e sustentar a mãe, que extremava. Tanto que tendo o dr. Goulão indicado o seu nome para substitui-lo na catedra que professava, achou-se o nosso jovem em condições de recusar tão honrosa proposta. O conego Januario nos diz que ele ensinava "muitas Senhoras a tocar Piano, com estima geral das familias as mais distintas, que a isso o convidavam". Provavelmente canta nas igrejas e arranja pequenos conjuntos orquestrais para as festividades eclesiasticas e — quem sabe? — para os saráus de dansa das familias suas conhecidas.

Não ha que extranhar essa extrema sociabilidade do moço que se prepara para receber ordens sacras... Ainda em meiados do sec. XIX o virtuoso padre Manoel Alves Carneiro, confessor da familia Taunay, era

primeiro violino da opera, no Rio de Janeiro... Naquela época os sacerdotes não se julgavam incompativeis com as praticas de sociedade e de galanteria, na arte e, muitas vezes... na vida.

Era o tempo em que o abbé Nicolas Chmafort coligia pequeninas anedotas e pensamentos licenciosos e o abbé Antoine François Prevost compunha o romance de Manon Lescaut. José Mauricio fazia musica para versinhos sentimentais do Marquez de Maricá e outros amigos seus. Vejamos a letra de uma dessas produções; é uma modinha:

> Beijo a mão que me condena
> A ser sempre desgraçado;
> Obedeço ao meu destino
> Respeito o poder do fado.
>
> Que eu amo tanto
> Sem ser amado,
> Sou infeliz,
> Sou desgraçado!

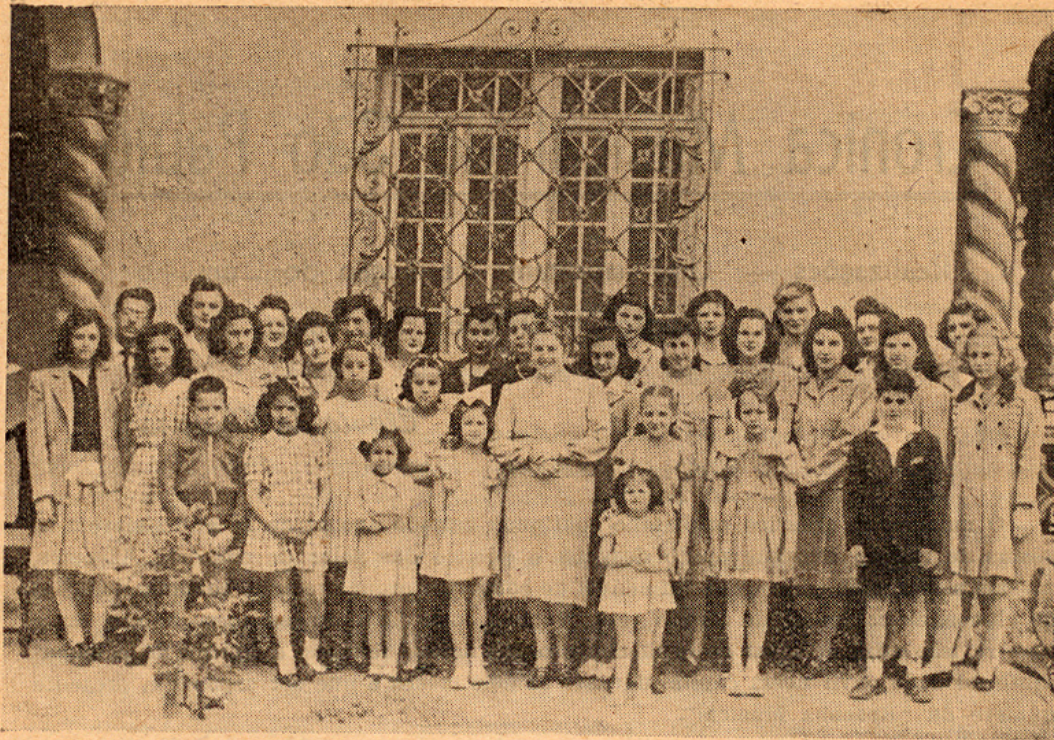
Haveis de convir que para o Padre Mestre de Capela da Catedral do Rio de Janeiro essa letra é um pouquinho forte...

Efetivamente já nessa época José Mauricio era padre. Fôra ordenado em 1792. Tem uma solida cultura humanistica; domina perfeitamente quatro linguas: português, latim, francês e italiano, tendo tambem conhecimento de grego, hebraico e inglês. E' profundamente versado em Geografia e Historia.

Desembaraçado, afinal, de todos esses estudos, dedica-se mais afincadamente à composição. E' a partir de 1792 que a sua bagagem musical se torna notavel, em numero e qualidade, se bem que a Biblioteca do Instituto Nacional de Musica de Rio de Janeiro possua um manuscrito seu de 1783, quando tinha, portanto, 16 anos. E' a antifona "Tota Purchra est Maria".

Começa provavelmente nessa época a reunir a importante biblioteca musical que mais tarde causará espanto a Segismundo Neukomm, quando aqui aportar, com a missão Lebreton. Os seus autores prediletos são os grandes classicos alemães e italianos dos secs. XVII e XVIII. Chegou a conhecer e admirar profundamente a obra de Beethoven (nascido três anos depois dele) e de Rossini, ao qual não perdoava, entretanto, certas fraquezas, proprias do estilo italiano, na época.

A sua inspiração é opulenta e fina. Embora singela a sua melodia nunca é banal ou corriqueira. Modula com naturalidade, expressivamente. Sua maneira de escrever é nitidamente harmonica, procedendo muito mais de Haydn e Mozart do que de Palestrina ou Bach.

Numa casa que lhe fôra doada por um dos seus numerosos amigos e admiradores dedicados — o comerciante Tomaz Gonçalves, cujo filho era aluno de José Mauricio — abre o nosso compositor uma aula gratuita de musica, que mantem até a data da sua morte, 38 anos mais tarde. Dessa aula sairão todos os nomes que, na primeira

Após uma bem organizada audição realizada em sua residência, a distinta e festejada professora dona Maria Pagano Botana, pousa para a "Resenha Musical" em companhia dos seus talentosos alunos de piano que participaram da hora de arte

metade de seculo, vão ilustrar a nossa historia musical, entre eles Francisco Manoel da Silva, Fioritto, mestre de musica da Capela Imperial, bastante operoso como compositor sacro, Francisco da Luz Pinto, mestre de musica do Colegio D. Pedro II, etc.

A dedicação de José Mauricio, roubando momentos preciosos aos seus dias operosissimos e destinando-os, sem nenhuma compensação material, a propagar o ensino da musica, afim de melhorar o ambiente artistico da capital do Brasil, só é comparavel a esse alto espirito de apostolado que, pelas mesmas razões, inspira um Balakirew a solicitar o auxilio dos poderosos para a fundação de uma Escola Gratuita de Musica, em S. Petersburgo.

Mais tarde José Mauricio conseguiu do governo que os alunos da sua aula de musica fossem dispensados do serviço militar, o que constituia excepcional favor e só prova a importancia então adquirida por aquela instituição. A aula funcionava na rua das Marrecas e os rapazes usavam, como distintivo, um laço azul e vermelho, no chapéu.

(conclue no proximo n.o)

---

(1) Este trabalho foi escrito em 1931. Não voltei, depois disso, ao local, mas penso que essa ultima edificação já não existe.

(2) A Biblioteca do Instituto Nacional de Musica da Universidade do Rio de Janeiro tem, ultimamente, divulgado algumas de suas obras, na publicação intitulada "Arquivo de Musica Brasileira" anexa a "Revista Brasileira de Musica".

(3) Umas das ruas principais e mais movimentadas do centro do Rio de Janeiro.

(4) Viriato Corrêa.

(5) **Essai statistique sur le royaume de Portugal et des Algarves, comparé aux autres Etats de l'Europe (Paris, 1822).**

(6) A Fazenda de Santa Cruz faz hoje parte do Patrimonio Nacional, e o governo brasileiro está empenhado em grande obras para o seu saneamento e posterior creação de nucleos agricolas.

Cronica Musical de São Paulo

Realizações — Uma Importante Resolução do Conselho de Orientação Artistica de São Paulo

Clovis de Oliveira

O movimento artístico paulistano continuou agitado apezar de se aproximarem as festas de fim de ano que muito desviam o público das salas de concêrto. Tivemos, mesmo assim, uma série quasi infindável de concertos orquestrais, de solistas, audições de alunos, de conjuntos de câmara, etc.. Vamos, como já tornou-se nosso hábito, fazer uma revisão a-fim-de levar ao conhecimento dos nossos leitores, o que de mais importante foi dado ouvir nesta capital durante os dois meses a que corresponde o presente número da "Resenha Musical".

— Primeiramente temos a notícia auspiciosa de que a **Orquestra Sinfônica de São Paulo,** dirigida pelo festejado maestro **Armando Belardi,** continuou a realizar seus concertos não só no Teatro Municipal, mas, tambem, nos grandes Cines Piratininga e Odeon, um no Braz e outro na Consolação. Dessa maneira vai difundindo de modo eficiente a música sinfônica na sua verdadeira expressão.

— Um concêrto que causou a melhor impressão, foi o que levou a efeito a **Sociedade de Cultura Artística,** no dia 12 de novembro, no Teatro Municipal, e que estêve a cargo da **Banda da Fôrça Policial do Estado,** sob a regência do seu Mestre Geral 1.º Tte. **Antônio Romeu.** Transcrevemos o programa para que o mesmo demonstre de verdade o que afirmaremos mais adiante: I) **J. S. Bach** — Passacaglia (em dó menor); **J. M. Weber** — Oberon (ouv.); **Chopin** — Valsa Brilhante; **Beethoven** — Leonore (op. 72); II) **Schubert** — 7.ª Sinfonia (Inacabada) e **Carlos Gomes** — Alvorada (Intermezzo do 4.º ato da ópera "Lo Schiavo").

Como vimos pelo magnífico programa, o escôpo foi arte e, excelentemente, arte. A reputação do grande conjunto musical da **Fôrça Policial do Estado,** já era respeitável, pois bem, agora ela ainda mais se elevou e colocou-o definitivamente na posição que fazia jús ocupar. O público que lotava o nosso principal teatro não era grande e, mesmo assim, não faltou o entusiasmo para regatear com seus aplausos as brilhantes execuções levadas a efeito pelo explêndido conjunto musical. Reforçada com alguns instrumentos de cordas — contrabaixos e violoncelos — a **Banda da Fôrça Policial,** obedecendo a técnica do maestro tte. **Antônio Romeu,** pôde revelar com absoluta segurança a sonoridade aveludada, timbrada, dosada, equilibrada, homogênea, brilhante, e tudo o mais exigível para as interpretações mais variadas, dada a atenção e o estudo efetuado pelos integrantes, individualmente. Assim pois, ouvimos um dos grandes concertos sinfônicos deste ano graças não só a **Sociedade de Cultura Artística,**

dedicada zeladora da cultura artístico-musical do povo de São Paulo, mas, tambem, a competência e dedicação com que vem dirigindo a B. P. do E. S. P., o ilustre maestro Tte. **Antônio Romeu.**

— **Frederico Fuller**, o conhecido tenor inglês, realizou sob os auspícios do **Departamento Municipal de Cultura**, um excelente recital, no dia 17 de novembro, no Teatro Municipal.

— Em proseguimento as suas atividades a **Sociedade Bach de São Paulo** realizou no dia 24 de novembro, no salão nobre do **Conservatório Dramático e Musical de São Paulo**, o seu 79.º sarau, este com o concurso de suas orquestras de cordas, do barítono **João Bario**, contrato **Hertha Schumann** e conjunto vocal da **Sociedade Bach**, regente maestro **Martin Braunwieser**. Foram executadas obras de **J. Pachelbel** (1653-1706), **J. J. Frohberger** e **J. S. Bach**, este último representado por diversos trechos da "Paixão segundo São João".

— A aplaudida cantora patrícia **Madalena Lebeis**, tendo ao piano o prof. **Alberto Sales**, realizou no dia 23 de novembro, um encantador recital para a **Sociedade de Cultura Artística**. Continuadora da fidalga escola de **Vera Janacopulos, Madalena Lebeis** sabe dispôr inteligentemente de sua voz, fazendo com que ela traduza de modo claro e insofismável a interpretação de cada uma das obras de seu repertório. Em seu recital cujo ecletismo permitiu apreciar as interpretações dos mais variados autores, **Madalena Lebeis** confirmou o talento musical e artístico que a natureza lhe dotou e que sabiamente vem desfrutando em oferenda à arte, em finíssimas interpretações.

Nunca podemos deixar de dedicar uma palavra de apôio, ou várias delas à **Sociedade de Cultura Artística** pelo fato de promover recitais dos nossos artistas e conjuntos musicais, estimulando-os e apoiandos no desenvolvimento de sua arte.

— Após um período de ausência, reapareceram os conjuntos de câmara do **Departamento Municipal de Cultura**, em concêrto promovido pela própria instituição oficial. Foi assim que tivemos oportunidade de, num mesmo programa, ouvir o **Trio São Paulo**, o **Coral Paulistano**, e o**Quarteto Haydn**. Formados por ótimos elementos a esses três conjuntos será reservado brilhante futuro. Como sabemos somente é possivel levar para fora desta capital, pequenos conjuntos para a realização de **tournées** ora, está dentro do programa do govêrno, promover realizações artísticas nas cidades do interior do Estado e, mesmo, fora dele, realizando dessa forma eloquente demonstração de interêsse público pela cultura artística do povo. Logo, aos conjuntos supra citados caberá árdua tarefa que bem desempenharão com o mesmo sucesso que costumam coroar suas execuções nesta capital.

— No dia 17 de dezembro, a **Sociedade Bach de São Paulo**, realizou o seu 80.º sarau, que teve lugar no salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

— O **Departamento Municipal de Cultura**, apresentou no dia 13 de dezembro, oficialmente, o seu **Corpo de Baile**, atualmente sob a direção da professora **Maria Olenewa**, que pertenceu ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Atuou na regência o conhecido maestro **Armando Belardi** que colaborou com eficiência para o maior brilho do concêrto no qual as figuras de **Ponchielli, Lorenzo Fernandez, Kreisler**, e outros compositores viveram intensamente pela arte do ritmo, da harmonia dos movimentos. A "**Dansa das Horas**", foi um momento feliz onde a técnica bem aproveitada realçou a elasticidade do conjunto; "**Amaya**", de **L. Fernandez**, com coreografia de **M. Olenewa**, agradou pelo exotismo de sua idéia e ilustração; nos vários "divertissements", tivemos "**Juventude**", de **Kreisler**, executada por **Nelita Alves Lima**, que constituiu como que o "**clou**", do sarau, não apenas pela beleza da música, mas, tambem pela desenvol-

tura com que se houve, interpretando de modo convincente e inteligente; ainda, **"Idílio no telhado"**, de **Saint-Saens** e **"Danúbio Azul"**, de **Strauss**. Em resumo foi um explêndido sarau.

— Está sendo aguardado com muita anciedade, a execução da notável obra de **J. S. Bach, "Paixão segundo São João"**, que a **Cultura Artística** oferecerá aos seus associados, tendo confiado a direção da mesma ao eminente mestre **Fúrio Franceschini**.

Como vimos, o movimento foi auspicioso e muitas outras realizações ainda foram efetuadas de menores proporções, de modo a não influir fortemente em repercussão. Na secção "Várias", desta revista, registamos frequentemente outras realizações.

* * *

O Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, em uma de suas últimas reuniões, deliberou que os estabelecimentos de ensino artístico no Estado só poderão funcionar sob a direção de brasileiros natos. Medida acertada e eloquente prova do espírito de brasilidade que anima suas resoluções e sua notável obra de evangelização artística. Foi o Govêrno Federal o primeiro a legislar sôbre o assunto dando às escolas estrangeiras que proliferavam no país, o basta edificante em defesa da nacionalidade. A ação benfazeja do C. O. A., corrobora portanto, a do Govêrno Federal.

É notório que muitos dos estabelecimentos de ensino artístico, mantem a sua frente, como pseudo diretor, brasileiros natos, homens que não se pejam de se verem dirigidos por elementos adventícios acobertados sob o rótulo acomodatício da "naturalização" que outra cousa não significa senão uma muleta magnificamente engrendrada para suas aspirações egoisticas. Parasitas, na verdade, com cargos que aparentam menor importância quando são eles na verdade, o que tudo deliberam à revelia ou não do pseudo diretor que — e quantas vezes!... — nada sabem de música e mal assinam seu próprio nome. E a obra educacional vai perecendo porque a esses estrangeiros — não suponham os leitores que sejam grandes músicos, grandes inteligências ou artistas ou compositores, são, sim!, músicos de baixa categoria, verdadeiros rapsodos ou raptores da música alheia, tipo da praga daninha que se enraiza, se distende e absorve todo o elemento de vida que outros necessitam para viver — obras como as de Villa Lobos, Nepomuceno, L. Fernandes, Camargo Guarnieri, Carlos Gomes, e de outros, não interessam ou porque são modernas, ou porque são absurdas, ou porque são erradas (são mestres em julgar e corrigir...), ou porque são feias, ou porque são "sem pé nem cabeça", ou porque são populares, ou porque nada significam, tudo enfim para ocultar o verdadeiro escôpo **não executar e nem divulgar música brasileira ou de brasileiros**. Mas só as suas próprias composições. Estas, sim, são admiráveis, inspiradas nos vôos de rouxinol nas quimeras azuis da mediocridade.

E ei-los como diretores técnicos, diretores artísticos, diretores deste ou daquele modo, maneira clara de ludibriar as autoridades e o público denotando um valor que não possuem e não ferindo nem menosprezando o testa de ferro que aparece à frente do estabelecimento de ensino artístico como diretor.

É por todas essas razões e outras mais que apoio inteiramente a resolução do Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, esperando apenas que o lúcido órgão consultivo e técnico do Govêrno, promova enérgica fiscalização a-fim-de remover esses obstáculos à nossa cultura artística e intelectual.

Atos Oficiais

1 — FEDERAIS

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Escola Nacional de Música

CONCURSO PARA PROVIMENTO DA CADEIRA DE DECLAMAÇÃO LÍRICA

Faço público, para conhecimento dos interessados, que no dia 6 de janeiro de 1944, terá início o concurso para provimento da cadeira de Declamação Lírica, devendo as peças de confronto ser comunicadas 15 dias antes

A Comissão julgadora ficou constituida do seguinte modo:

Professores estranhos ao magistério da Escola:

Vera Janacopulos.
Maria de Sá Earp Vaghi.
Santiago Guerra.
Professores da Escola:
Nícia Silva.
Francisco Mignone.

Escola Nacional de Música, 7 de dezembro de 1943. — **Miécio Tolentino da Costa**, secretário.

CONCURSO PARA PROVIMENTO DA CADEIRA DE VIOLINO E VIOLETA

Faço público, para conhecimento dos interessados que na quinta-feira, 20 de janeiro de 1944, terá início o concurso para provimento da cadeira de Violino e Violeta, devendo, 15 dias antes, ser comunicado a peça de confronto.

A banca ficou constituida do seguinte modo:

Professores estranhos ao magistério da Escola:

Flausino do Vale.
Marcos de Sales.
Enrique Spedini.
Professores da Casa:
Alberto Rossi Lazzoli.
Francisco Mignone.

Escola Nacional de Música, 7 de dezembro de 1943. — **Miécio Tolentino da Costa**, secretário.

CONCURSO PARA PROVIMENTO DA CADEIRA DE CLARIM E CORNETIM

De ordem do Sr. diretor, faço público, para conhecimento dos interessados, que na Secretaria desta Escola, estão abertas, pelo prazo de 180 dias, de 7 de dezembro do corrente ano a 4 de junho de 1944, das 11 às 17 hs., as inscrições ao concurso de títulos e de provas, para provimento da cadeira de Clarim e Cornetim.

As inscrições serão feitas em requerimento ao diretor, mediante apresentação dos seguintes documentos:

a) certidão de nascimento ou documento equivalente que prove idade, qualidade de brasileiro nato ou naturalizado;

b) prova de sanidade física e idoneidade moral;

c) prova de quitação com o serviço militar;

d) fôlha corrida;

e) documentação de atividade profissional ou científica que tenha exercido ou que se relacione com a cadeira em concurso;

f) diploma conferido por instituto de ensino superior oficial ou reconhecido, no qual seja ministrado o ensino da disciplina em concurso, ou documentação equivalente, de conformidade com a lei n. 233, de 10 de agosto de 1936, regulamentada pela portaria n. 38, de 30 de abril de 1937, do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saude, publicada no "Diário Oficial" de 21 de maio de 1937.

São dispensados de apresentar fôlha corrida os professores docentes livres, honorarios ou interinos da Escola, bem como os que exerçam funções públicas.

O concurso de títulos constará de apreciação dos seguintes documentos comprobatorios do mérito dos candidatos:

I — De diploma e quaisquer outras dignidades universitárias e acadêmicas apresentadas pelo candidato;

II — de estudos e trabalhos científicos, especialmente daqueles que assinalem pesquisas originais, ou revelem conceitos doutrinários pessoais de real valor.

III — de atividades didáticas exercidas pelo candidato;

IV — de realizações práticas, de natureza técnica ou profissional.

O simples desempenho de funções públicas, técnicas ou não, a apresentação de trabalhos cuja autoria não possa ser autenticada, e a exibição de atestados graciosos, não constituem documentos idôneos.

No ato da inscrição, os candidatos deverão apresentar cincoenta (50) exemplares mimiografados ou impressos, da tese, conforme determina a lei n. 114, de 11 de novembro de 1943, e o decreto lei n. 271, de 12 de fevereiro de 1938.

O concurso constará de:

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática;

a) realização escrita de um canto e baixo sorteados, alternados, a quatro vozes;

b) execução de uma peça sorteada pelo Conselho Técnico-Administrativo 15 dias antes do início do concurso;

c) execução de uma peça sorteada no ato da prova pela comissão julgadora dentre as seis que o candidato apresentar;

d) leitura à primeira vista de um trecho musical manuscrito entregue ao candidato 15 minutos antes da prova e composto no próprio ato pelo presidente ou por um dos membros da comissão para esse fim por ele designado;

IV — Prova didática.

No ato da inscrição, o candidato deverá apresentar 50 exemplares mimiografados ou impressos da tese que houver escrito, conforme dispõem a lei n. 114, de 11 de novembro de 1935, e parágrafo único do art. 6.º da lei n. 444, de 4 de junho de 1937.

Os programas da cadeira em concurso podem ser adquiridos na Secretaria desta Escola.

Escola Nacional de Música, 3 de dezembro de 1943. — **Mécio Tolentino da Costa**, diretor. — (D. O. U. — 7-12-43).

UNIVERSIDADE DO BRASIL

ESCOLA NACIONAL DE MUSICA

Concurso para provimento das cadeiras de:
Piano, (1 cadeira do curso Superior); **Piano**, (2 cadeiras do curso Fundamental); **Harmonia superior; Flauta; Teoria musical; Violino**, (2 cadeiras do curso Fundamental):

De ordem do Sr. diretor, faço público para conhecimento dos interessados, que na Secretaria desta Escola, estão abertas pelo prazo de 180 dias, de 18 de novembro do corrente ano a 17 de maio de 1944, das 11 às 17 horas, as inscrições aos concursos de títulos e de provas, para provimento das seguintes cadeiras: Piano, (1 cadeira do curso Superior); Piano, (2 cadeiras do curso Fundamental); Harmonia superior; Flauta; Teoria musical; Violino, (2 cadeiras do curso Fundamental).

As inscrições serão feitas em requerimento ao diretor, mediante apresentação dos seguintes documentos:

a) certidão de nascimento ou documento equivalente que prove idade, qualidade de brasileiro nato ou naturalizado;

b) prova de sanidade física e idoneidade moral;

c) prova de quitação com o serviço militar;

d) fôlha corrida;

e) documentação de atividade profissional ou científica que tenha exercido ou que se relacione com a cadeira em concurso.

f) diploma conferido por instituto de ensino superior oficial ou reconhecido, no qual seja ministrado o ensino da disciplina em concurso, ou documentação equivalente, de conformidade com a lei n. 233, de 10 de agosto de 193[illegible], regulamentada pela Portaria n. 38, de 30 de abril de 1937 ,do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saude, publicada no "Diário Oficial" de 21 de maio de 1937.

São dispensados de apresentar fôlha corrida os professores docentes livres, honorários ou interinos da Escola, bem como os que exerçam função pública.

O concurso de títulos constará de apreciação dos seguintes documentos comprobatorios do mérito dos candidatos:

I — De diploma e quaisquer outras dignidades universitárias e acadêmicas apresentadas pelo candidato;

II — de estudos e trabalhos científicos, especialmente daqueles que assinalem pesquisas originais, ou revelem conceitos doutrinários pessoais de real valor;

III — de atividades didáticas exercidas pelo candidato;

IV — de realizações práticas, de natureza técnica ou profissional, particularmente daquelas de interêsse coletivo.

O simples desempenho de funções públicas técnicas ou não, a apresentação de trabalhos, cuja autoria não possa ser autenticada, e a exibição de atestados graciosos, não constituem documentos idôneos.

No ato da inscrição, os candidatos deverão apresentar cincoenta (50) exemplares mimiografados ou impressos, da tese, conforme determina a lei n. 114, de 11 de novembro de 1935, e o decreto-lei n. 271, de 12 de fevereiro de 1938.

PIANO

O concurso constará de:

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática: a) realização escrita de um canto e baixos sorteados alternados, a quatro vozes; b) execução de uma peça sorteada pelo Conselho Técnico Administrativo 15 dias antes da realização do concurso; c) execução de uma peça sorteada no ato da prova pela comissão julgadora dentre as seis que o candidato apresentar; d) leitura a primeira vista de um trecho musical manuscrito entregue ao candidato 15 minutos antes da prova, e composto no próprio ato pelo presidente ou por um dos membros da comissão para esse fim por ele designado.

IV — Prova didática.

HARMONIA SUPERIOR

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática: a) realização escrita de um canto e baixo sorteados, a quatro vozes; b) composição escrita de uma fuga a quatro partes, sôbre um tema escolhido pela comissão no ato da prova; c) execução ao piano de uma peça correspondente ao 4.º ano do curso Fundamental, sorteada pelo Conselho Técnico Administrativo 15 dias antes do início do concurso; d) análise de uma composição clássica ou moderna, sorteada pela comissão julgadora no ato da prova.

IV — Prova didática.

FLAUTA

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática: a) realização es-

crita de um canto e baixo sorteados, alternados, a quatro vozes; b) execução de uma peça sorteada pelo Conselho Técnico Administrativo, 15 dias antes do início do concurso; c) execução de uma peça sorteada no ato da prova pela comissão julgadora dentre as seis que o candidato apresentar; d) leitura à primeira vista de um trecho musical manuscrito entregue ao candidato 15 minutos antes da prova e composto no próprio ato pelo presidente ou por um dos membros da comissão, para esse fim por ele designado.

IV — Prova didática.

TEORIA MUSICAL

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática: a) ditado de frases difíceis, que serão tocadas ao piano três vezes no máximo; b) realização escrita de um canto e baixo sorteados, alternados, a quatro vozes; c) execução ao piano de uma peça correspondente ao 4.º ano do curso Fundamental e sorteada pelo Conselho Técnico Administrativo 15 dias antes do início do concurso; d) Solfejo à 1.ª vista de dois trechos musicais, com mudança de claves um, e com transposição outro, escrito no ato da prova; e) composição de solfejos e ditados para classes indicadas pela comissão no momento da prova.

IV — Prova didática.

VIOLINO

I — Defesa de tese;

II — Prova escrita;

III — Prova prática: a) realização escrita de um canto e baixo sorteados, alternados, a quatro vozes; b) execução de uma peça sorteada pelo Conselho Técnico Administrativo, 15 dias antes do início do concurso; c) execução de uma peça sorteada no ato da prova pela comissão julgadora dentre as seis que o candidato apresentar; d) leitura à primeira vista de trecho musical manuscrito, entregue ao candidato 15 minutos antes da prova e composto no próprio ato pelo presidente ou por um dos membros da comissão, para esse fim por ele designado.

IV — Prova didática.

Os programas das cadeiras em curso acima referidas, podem ser obtidos na Secretaria desta Escola.

Escola Nacional de Música, 18 de novembro de 1943. — **Miécio Tolentino da Costa**, secretário.

(D. O. U. — 16-11-43 — Ret. D. O. U. — 23-11-43)

CONSERVATÓRIO NACIONAL DE CANTO ORFEONICO

PORTARIA N. 45 DE 28 DE NOVEMBRO DE 1943

O diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, de acôrdo com a autorização contida na Portaria Ministerial n. 260, de 2 de abril do corrente ano, e tendo em vista a perfeita correspondência das disciplinas com as matérias lecionadas nos vários cursos do Conservatório, e conforme art. 18 da Portaria n. 17.

Resolve:

Art. 1.º Ficam modificadas as designações das disciplinas ns. 1, 2, 6 e 10, a que se refere o art. 2.º da Portaria n. 17, de 12 de abril de 1943, para as seguintes:

1. Didática do Ritmo.
2. Didática do Som.
6. História da Educação Musical e Estética.
10. Apreciação Musical.

Art. 2.º Ficam instituidas, ainda, mais duas cadeiras:

16. Canto Orfeônico (aperfeiçoamento).
17. Prosódia no Canto Orfeônico.

§ 1.º A disciplina da cadeira 16 — Canto Orfeônico — será ministrada a todas as séries e aos Cursos de Emergência e de Férias, em conjunto.

§ 2.º A disciplina da cadeira 17 será ministrada na 1.ª série e nos Cursos de Emergência e de Férias, podendo, em casos es

peciais, estender-se pelas demais séries, a critério do diretor.

Art. 3.º As presentes modificações entrarão em vigor a partir do início do Curso de Férias do corrente ano. — **H. Villa Lobos**, diretor. — (D. O .U. — 26-11-43).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

PORTARIA MINISTERIAL N. 567, DE 8 DE NOVEMBRO DE 1943

Dispõe sôbre admissão à Escola Nacional de Música e estabelecimento congêneres.

O ministro de Estado da Educação e Saúde resolve:

Artigo único. Para o efeito da matrícula nos cursos de ensino de música ou conclusão dos mesmos, considerar-se-á equivalente ao certificado de conclusão da 5.ª série do curso fundamental o certificado de licença ginasial nos termos da legislação vigente do ensino secundário.

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1943. — **Gustavo Capanema.**

(D. O. U. — 9-11-43)

●

II — ESTADUAIS

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

Departamento de Educação

E D I T A L

CONCURSO AO MAGISTÉRIO SECUNDARIO E NORMAL DO ESTADO

Convoco, por este, os candidatos de relação abaixo, para a prova escrita de Música que terá lugar na Escola "Caetano de Campos", nesta Capital, à Praça da República, dia 25 do corrente, quinta-feira próxima, às 8 horas.

O "Diário Oficial" de 23 do corrente terça-feira, publicará a relação dos pontos para sorteio do assunto da referida prova.

Relação dos inscritos para a aula de Música das Escolas Normais e Estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal do Estado:

1 — Nascipe Atala Murr.
2 — Rita Heltz.
3 — Iolanda del Picchia.
4 — Ilse Sebastiana de Paiva Manita.
5 — Branca Serra Neto.
6 — Maria Lourdes Sobreira Silva.
7 — Hilda Veloso Siqueira.
8 — Ernes na Verre.
9 — Octavio Zuicker.
10 — Luiz Gonzaga da Costa Junior.
11 — Silvia Concato.
12 — Anisio Borges.
13 — Doralice de Assis.
14 — Vicente Arico Junior.
15 — Heloiza Lemenhe Marasca.
16 — Carmelinda de Carvalho Antunes.
17 — Gení Souza.
18 — Maria Lázara Ramos.
19 — Pierina Milla de Oliveira Prata.
20 — Maria Aparecida Motta.
21 — Suzanne Lucie Villaquez Guerra.
22 — Maria de Oliveira Cordeiro.
23 — Clovis Figueiredo Cerqueira.
24 — Carlos Volani Nardelle.
25 — Alice Monteiro Brisolla.
26 — Geli Pereira Gomes.
27 — Maria Salomé Braga Faig.
28 — Ada Parisi.
29 — Gení Chaddad.
30 — Nair de Morais.
31— Maria do Carmo Chagas de Morais.
32 — João Mentone.
33 — Dircéa Ricces.
34 — Ofelia Ricci.
35 — Aecio de Souza Salvador.
36 — Zaila Ribeiro São João.
37 — Clementina Seize.
38 — Rossini Rolim Dutra.
39 — Afonso Dias.
40 — Anita Crovette.
41— Joaquim Tristão Junior.
42 — Antônio Marmera Filho.
43 — Fausto Antão Fernandes.
44 — Luiz Figueiredo Filho.
45 — Iolanda Grimaldi.

46 — Adelia Toscari Isiquea.
47 — Emilia Moreira Leite.
48 — Maria Vitoria Lanzi Lira.
49 — Maria Aparecida Ferreira Lopes.
50 — Matilde Marcondes Machado.
51 — Adelina Mazagão Alcover.
52 — Inah de Oliveira.
53 — Juanita Vanfore Senatori.
54 — Jeronimo Martorelli.
55 — Iolanda de Quadros Arruda.
56 — Ana de Oliveira Fernandes.
57 — Francisco Salles Nogueira.
58 — Horacio Mesquita de Camargo.
59 — Marina da Silva Carvalho.
60 — Oraide Boldrine (condicional).
61 — Zulmira Ramos Franco (condicional).
62 — Manoela Pousa Fernandes (condicional).
63 — Lidionetta Cardoso dos Santos (condicional).
64 — Newton de Almeida Melo (condicional).

São Paulo, 19 de novembro de 1943.

Dr. Israel Alves dos Santos — Diretor Geral.

(D. O. E. — 20-11-43)

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

Departamento de Educação

E D I T A L

CONCURSO PARA A AULA DE MUSICA DAS ESCOLAS NORMAIS E ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SECUNDARIO DO ESTADO

De ordem do sr. prof. João Baptista Julião, Presidente da Comissão Julgadora deste concurso, convocam-se os seus candidatos, que devem comparecer munidos de caneta tinteiro e de prova de identidade, para a prova escrita, a realizar-se no dia vinte e cinco (25) do corrente, às oito (8) horas, na Escola "Caetano de Campos", da Capital.

Os pontos dentre os quais deverá ser sorteado um (1), para esta prova, são os seguintes:

1.º — Finalidade do canto orfeônico nas escolas e sua organização.

2.º — Classificação, seleção e colocação de vozes no orfeão; histórico do canto orfeônico.

3.º — Música brasileira e influências que atuaram na sua formação.

4.º — Histórico e análise do Hino Nacional Brasileiro e da Proclamação da República.

5.º — Histórico e análise dos Hinos à Bandeira e da Independência do Brasil.

6.º — Higiene da voz, ginástica respiratória e vocalização. — Tratamento dos casos problema (afônicos, desafinados, etc.).

7.º — Manussolfa: — finalidades e técnica.

8.º — Afinação, saudação e exortação orfeônicas.

9.º — Calirritmia, califazia e califonia.

10º. — Folclore nacional: distribuição geográfica e sua função educativa.

NOTA: — todos os pontos serão acompanhados, de um ditado, cantado, baseado numa unidade de movimento, com gráfico e localização de figuras.

São Paulo, 23 de novembro de 1943. — **Flávio Pinto César**, Secretário da Comissão Julgadora do Concurso.

(D. O. E. — 23-11-43)

VARIAS

PROF. CARLETON SPRAGUE SMITH — Visita presentemente a capital paulista, o notavel escritor e musicista norte-americano prof. Carleton Sprague Smith, diretor da Divisão de Música da Biblioteca Pública de Nova York. Durante a sua estadia em São Paulo, o ilustre visitante tem realizado diversas conferências patrocinadas e a convite de diversas instituições, assim como tem entrado em contato com as nossas organizações artísticas.

ARNALDO REBELLO — O aplaudido concertista brasileiro Arnaldo Rebello, realizou no dia 28 de novembro, no salão da Escola Nacional de Música, para a Associação Musical Pró-Juventude, um bem elaborado recital de piano, cujas execuções foram comentadas pela professora Magdala da Gama Oliveira. Dado o sucesso do referido recital, o mesmo foi repetido, à convite, no programa "Crítica Musical" da P. R. A.-2 (Rádio Ministério da Educação).

MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA — A convite do sr. Coordenador dos Negócios Inter-Americanos, deverá visitar os Estados-Unidos, o maestro José Siqueira, festejado compositor patrício, presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira e professor catedrático da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

Dia 15 de dezembro, na Capital Federal, foi prestada ao ilustre brasileiro significativa homenagem de despedida em que tomaram parte todo o mundo artístico carioca.

PROFESSOR FREDERICO DE CHIARA — Após brilhantes provas, foi classificado em 1.º lugar, no concurso realizado recentemente para professor da cadeira de música da Escola Normal "Caetano de Campos", o ilustre professor Frederico De Chiara, do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

JABOTICABAL (Est. de São Paulo) — O dia 22 de novembro dedicado a Santa Cecília, excelsa padroeira da Música e dos Musicistas, foi dignamente comemorado em Jaboticabal, com o seguinte programa: — Às 6 horas alvorada e passeata pelas ruas da cidade pela Corporação Musical P. Mascagni, dirigida pelo seu Maestro Miguel Maizano; às 7 horas Missa solene com participação do Côro Santa Cecília e orquestra Cidade das Rosas, e presença de professores e estudantes de música da cidade; às 18 horas nos estúdios da Estação de Rádio local, PRG-4 programa de músicas selecionadas, para canto, piano, violino e orquestra, tendo tomado parte os seguintes distintos amadores: Profa. Aida R. Lunardi, Profa. Armanda Guimarães, Profa. Maria Walterina da Rocha, Prof.a Alice de Melo Rosário, Prof.a Zizí Filardi, Profº. Carlos Nobre Rosa, Prof. Mariano Torres, Terezinha de Jesus Monteiro Vitta, Célia Martinez, Leonor Dezen, Elisa Kenan, Julia de Melo, Rita Ribeiro e Srs.: Bruno Lunardi, Ma-

noel Martinez, Basileu Marfará, Domingos Ferrari, Amintas Duarte, Newton Braga Homem.

O programa otimamente executado por todos os distintos amadores, alcançou pleno êxito artístico.

INSTITUTO MUSICAL "SANTA MARCELINA" — Realizou-se a 1.º de dezembro, nesta capital, a festa de formatura dos diplomandos do Instituto Musical "Santa Marcelina", que teve a presença das altas autoridades. Diplomaram-se as seguintes senhoritas: — Carla Perazzi, Clotilde Vieira Maximo, Elsa Corazza, Josette Straunard, Maria Lapetina, Maria Amelia Quintino, Maria A. C. Lima, Maria da C. Villac e Ofelia Falchero. Falou durante a solenidade o sr. dr. Edmundo Rossi, paraninfo da turma. Tomaram parte no programa musical, o violinista Hugo de Franco, profª. Kita Ulhôa Cintra, profs. Ciro Fornicola e Francisco Bugiani.

"SOCIEDADE AMIGOS DE CARLOS GOMES" — O festejado jornalista Abner Mourão, redator-chefe do "Estado de São Paulo", em comentário bordado a respeito da representação de "Maria Tudor", a ópera que ha 54 anos Carlos Gomes, o único maestro compositor de óperas das Américas que tivemos, lastimou que só depois de tantos anos os paulistas chegaram a conhecer uma das obras primas daquele campineiro, orgulho do Brasil, e lançou a idéia de que, entre as tantas sociedades de "amigos" por aí existentes, deveriam fundar uma "Sociedades dos Amigos de Carlos Gomes".

Inegavelmente é vergonhoso tamanho descaso pelas músicas do insigne maestro; ainda ha pouco tempo censuramos que, na própria Campinas, terra do Cisne das Américas, apesar de terem encontrados dezenas de composições de músicas de câmera, romanças, canções, de autoria daquele inspirado compositor, não puderam comemorar o aniversário de 16 de setembro p.p., porque tais músicas não estavam orquestradas!...

Positivamente, não nos distingue semelhante procedimento do povo paulista e campineiro, pois, outros países, à frente de seus povos, quando devem glorificar Verdi, Massenet, Wagner, etc., marcham seus poderes públicos e especialmente os municipais. No Brasil, os sucessivos prefeitos de Campinas, não tiveram coragem de destinar algumas dezenas de milhares de cruzeiros para perpetuar o culto e enaltecer a educação artística de seus filhos!

É o que sucede com as músicas incontáveis de Carlos Gomes, inclusive suas óperas as mais consagradas, e, entre elas a que Marinuzzi denominou "primor de arte e melodia", "Maria Tudor".

Está, portanto; lançada a idéia de Abner Mourão que nós aprovamos integralmente, e nas suas fileiras solicitamos inscreva nosso nome. A ela deverá caber a reivindicação das glórias do maestro campineiro, propondo mais que o Govêrno do Estado faça constituir um Museu Carlos Gomes, para o qual seriam reunidos todos os objetos e trabalhos do maestro, facultando-se ao ensino superior e seus membros, visitas de observação e estudos. Ao Departamento Municipal de Cultura, e cujo talentoso chefe dr. Francisco Patti, rendemos nossa admiração pelo muito que vem fazendo, deveria caber a obrigação de organizar anualmente a Semana de Carlos Gomes e a ela convidar todas as Américas.

Fomos testemunhas, em 1926, nos Estados Unidos, do entusiasmo e veneração tributada a Carlos Gomes, e podemos garantir que se não pretenderam arrancar-nos pelo afeto a glória brasileira de ter sido berço do Cisne de Campinas, seriam capazes de aceitar a incumbência de seu culto e veneração. — (De "A Capital", — São Paulo, Outubro, 1943).

"RESENHA MUSICAL"
Caixa Postal 4848
S. Paulo - Brasil

"RESENHA MUSICAL"
Caixa Postal 4848
São Paulo